

NÍVEL DE CATEGORIZAÇÃO DE ESTEREÓTIPOS SEXUAIS

Maria Cristina Ferreira do Nascimento
Universidade Gama Filho

RESUMO - O presente estudo teve o objetivo de verificar o nível de categorização de diversas categorias sexuais, através da análise de seu conteúdo. Foi solicitado a 192 sujeitos, de ambos os sexos, que descrevessem os atributos que caracterizavam as categorias. Os resultados revelaram que: (1) todas as categorias masculinas e femininas apresentaram características de categorias de nível básico, por possuírem um número significativamente maior de atributos distintos entre si que de atributos comuns; (2) as categorias de "homem" e "mulher" não se encontravam num nível superordenado mais abstrato de categorização que as demais categorias, já que estas categorias mais gerais não apresentaram uma menor riqueza de atributos que as categorias mais específicas a elas associadas. Concluiu-se que os estudos futuros sobre estereótipos sexuais devem utilizar não apenas as categorias de "homem" e "mulher", mas também outros subtipos masculinos e femininos, o que poderá contribuir para uma melhor compreensão da natureza do estereótipo.

LEVEL OF CATEGORIZATION OF GENDER STEREOTYPES

ABSTRACT - The object of this study was to verify the level of categorization of various gender categories through an analysis of their content. 192 subjects, of both sexes, were asked to describe the attributes that characterized the categories. The results showed that (1) all male and female categories revealed characteristics of basic level categories, since they showed a significantly greater number of distinct attributes than common ones; (2) "man" and "woman" categories were not at a more abstract superordinate level of categorization than the other categories, since these more general categories did not show less richness than the ones associated to them. The conclusion was that future studies about gender stereotypes should use not only the general categories "man" and "woman", but should also include other male and female subtypes, which may contribute to a better understanding of the nature of the stereotype.

A investigação dos fenômenos sociais e cognitivos conduziu ao advento, nos anos recentes, da área de Cognição Social, que se propõe a estudar todos os

Endereço: Rua Vilela Tavares, 203 - Lins - Rio de Janeiro-RJ - CEP: 20.721

aspectos do conhecimento social, através da análise explícita e direta das estruturas e processos cognitivos envolvidos nos fenômenos sociais.

Um tópico de particular relevância nesta área é o fenômeno do estereótipo, considerado como uma estrutura que em nada difere das demais estruturas cognitivas, e que contém o conhecimento e as crenças do percebido a respeito dos membros dos vários grupos sociais (Hamilton, Dugan & Trolie, 1985).

Considera-se, portanto, que em consequência do funcionamento normal do indivíduo, podem ocorrer vieses sistemáticos no processamento da informação sobre pessoas e eventos, que conduzem a percepções diferenciadas a respeito de grupos sociais distintos, as quais levam à formação e manutenção de concepções estereotipadas sobre estes grupos sociais (Hamilton, 1979).

A pesquisa que reflete esta orientação tem se concentrado no estudo da natureza destas estruturas cognitivas e do modo pelo qual a informação sobre indivíduos e grupos é representada nestas estruturas, bem como nas consequências destas representações para o processamento posterior da informação presente no meio ambiente.

O processo de categorização se converte, assim, em um componente essencial do estereótipo (Taylor, 1981), na medida em que a percepção diferencial de grupos sociais só é possível a partir da categorização inicial das pessoas como pertencentes a um ou a outro grupo.

Neste sentido, a teoria de Rosch (1978) sobre a natureza das categorias naturais torna-se particularmente útil ao estudo do estereótipo e de outras categorias sociais. De acordo com esta autora, os sistemas de categorias naturais encontram-se hierarquicamente organizados em três diferentes níveis de abstração: superordenado (como mobília, por exemplo), básico (como cadeira, por exemplo) e subordinado (como cadeira de cozinha, por exemplo), tendo-se demonstrado (Rosch, Mervis, Gray, Johnson & Boyes-Braem, 1976) que no domínio das categorias de objetos naturais, o nível básico de categorização é o mais funcional para a classificação dos objetos, por produzir um número ótimo de categorias distintas, e, por esta razão, este nível intermediário de categorização é mais utilizado pelas pessoas, no seu dia-a-dia, que o nível superordenado mais abstrato ou que o nível subordinado mais concreto.

Numa aplicação do referencial teórico e metodológico de Rosch ao domínio da categorização social, Cantor e Mischel (1979) desenvolveram um estudo sobre a categorização de tipos de pessoas, a partir de quatro categorias superordenadas (pessoa extrovertida, pessoa culta, pessoa adepta de uma causa ou religião, pessoa emocionalmente instável), tendo verificado que as categorias de nível básico são mais ricas em atributos e mais diferenciadas que as de nível superordenado ou subordinado.

Com o objetivo de verificar a adequação da teoria de Rosch à análise da estrutura do estereótipo mantido pelos jovens sobre a velhice, considerada como uma categoria social, Brewer, Dull e Lui (1981) demonstraram que o estereótipo da pessoa idosa se constitui numa categoria de nível superordenado, que, ao nível básico, se diferencia em diversas categorias significativas (tais como, por exemplo, a avó), caracterizadas por um grande número de atributos distintos.

Os esforços recentes no sentido de se procurar uma melhor compreensão da natureza do estereótipo como uma estrutura cognitiva têm se refletido, também, na pesquisa sobre os estereótipos sexuais.

Assim, as pesquisas tradicionais sobre este tópico se caracterizaram pela simples demonstração de que homens e mulheres são julgados de modo diferencial. Tais pesquisas, quase invariavelmente, se desenvolveram a partir do questionário de traços de personalidade de Rosenkrantz, Vogel, Bee, Broverman e Broverman (1968), e apresentaram a tendência de concluir, de forma consensual, pela existência de um conjunto de traços estereotipados masculinos (tais como competência e racionalidade), e outro de traços femininos (tais como calor humano e expressividade).

Tal metodologia, entretanto, fez com que o conhecimento sobre os estereótipos sexuais tenha sido, durante longo tempo, determinado pelas características específicas das listas de traços utilizadas neste tipo de pesquisa, que estabeleciam, aprioristicamente, limites para o conteúdo dos estereótipos, o que pouco contribuiu para a compreensão da verdadeira natureza destas categorias.

Mais recentemente, porém, este procedimento tradicional foi substituído por uma análise sistemática dos componentes destes estereótipos e de suas inter-relações.

Num dos primeiros estudos nesta perspectiva, Clifton, McGrath e Wick (1976), partindo do pressuposto de que o estereótipo da mulher não se constitui em uma única categoria geral, caracterizada por objetos que podem ser consensualmente atribuídos a todas as mulheres, identificaram três tipos de mulheres bem diferenciados. Dois destes tipos estavam associados à imagem de mulheres altamente dependentes do homem, porém se caracterizavam por papéis distintos, referentes ao estereótipo da mulher dona de casa e ao estereótipo da mulher vista como um objeto sexual. O terceiro estereótipo feminino identificado se referia à imagem não tradicional de mulheres que possuem uma relativa independência dos homens.

Ashmore (1981), partindo da suposição de que os estereótipos sexuais se constituem em um conhecimento organizado a respeito de dois diferentes tipos de grupos sociais, (homens e mulheres), o qual não se resume a uma simples coleção de traços de personalidade, desenvolveu um estudo destinado a investigar a natureza da representação cognitiva associada com as categorias sociais de "homem" e "mulher", através da utilização dos métodos de escalonamento multidimensional e de análise hierárquica de conglomerados, tendo concluído que as percepções sobre o sexo do outro se acham organizadas, não somente em termos de uma estrutura cognitiva geral, associada às categorias mais amplas de homem e mulher, mas também, em subcategorias sociais perceptualmente distintas, relacionadas a vários subtipos de homens e mulheres, que, provavelmente, são usadas pelo percebedor, na análise e predição do comportamento concreto de uma pessoa em situações específicas.

Uma posição semelhante é sugerida por Taylor (1981), ao afirmar que na descrição de grupos sociais (como homens e mulheres, por exemplo), com os quais existe uma certa familiaridade, ocorre uma predominância de estereótipos baseados em papéis sociais e não em traços de personalidade, numa indicação de que tais estereótipos de papéis, provavelmente, se constituem em categorias de nível básico, que se apresentam mais ricas e diferenciadas que as categorias superordenadas de homem e mulher, e, por esta razão, tais estereótipos são os preferidos pelos sujeitos.

Recentemente, Deaux, Vinton, Crowley e Lewis (1985) desenvolveram um dos primeiros estudos com a finalidade de verificar diretamente a adequação do modelo hierárquico de categorização de objetos naturais de Rosch (1978) à categorização de estereótipos sexuais.

Além das categorias gerais de homem e mulher, que presumivelmente estariam no nível superordenado de categorização, os autores empregaram vários tipos masculinos e femininos específicos, que presumivelmente estariam no nível básico de categorização, tendo hipotetizado que as categorias de nível básico deveriam apresentar uma maior riqueza de atributos que as suas correspondentes ao nível superordenado e que estas categorias de nível básico deveriam apresentar grau mínimo de justaposição entre os atributos que as compunham. Os resultados, entretanto, demonstraram que, com relação à riqueza de atributos, nenhum dos três experimentos realizados forneceu evidências de que as categorias de homem e mulher se constituíam em categorias superordenadas em relação a subtipos sexuais de nível básico. No que se refere ao grau de diferenciação entre as categorias, verificou-se que os subtipos masculinos apresentaram maior semelhança e homogeneidade entre si, enquanto os subtipos femininos se mostraram mais diferenciados entre si, o que levou os autores a interpretarem tais resultados como uma indicação de que os conceitos de homem e mulher são organizados de modo diferente, o que provavelmente conduz a diferenças nos processos de estocagem e recuperação das imagens dos homens e mulheres.

O fato de Deaux et al (1985) não terem conseguido reunir evidências sobre a existência de categorias masculinas e femininas com características de nível básico pode estar relacionado ao tipo de metodologia por eles utilizada, já que estes autores analisaram o conteúdo das diversas categorias sexuais a partir das descrições que os sujeitos faziam destas categorias, com base em um conjunto específico de atributos que lhes era fornecido **a priori**, enquanto Rosch (1978), ao estudar as categorias de objetos naturais, empregou uma metodologia diferente, onde os atributos reais oferecidos pelos sujeitos em suas descrições das categorias eram utilizadas para a análise do conteúdo das referidas categorias, o que permitiu a conclusão de que certas categorias apresentavam características de nível básico.

O objetivo do presente trabalho foi o de verificar se a análise do conteúdo de categorias masculinas e femininas, a partir de descrições fornecidas pelos sujeitos, permite a identificação de características de nível básico nestas categorias, no que se refere ao grau de semelhança que elas mantêm, partindo-se do pressuposto que as categorias de nível básico apresentam maior número de atributos distintos que de comuns entre si (Rosch et al., 1976).

Além disso, pretendeu-se verificar se as categorias de homem e mulher se acham organizadas conforme o modelo hierárquico de categorização dos objetos naturais (Rosch, 1978), e, portanto, pertencem a um nível superordenado mais abstrato, por possuírem uma menor riqueza de atributos que as categorias mais específicas a elas associadas, ou se as categorias de homem e mulher se encontram no mesmo nível de abstração de outros tipos masculinos e femininos mais específicos, por possuírem todos a mesma riqueza de atributos, conforme constataram Deaux et al. (1985).

MÉTODO

Sujeitos

A amostra foi composta de 192 sujeitos com idade variando de 25 a 40 anos, de nível superior completo ou incompleto, sendo que 96 sujeitos eram do sexo feminino e 96 eram do sexo masculino.

Estímulos

A partir da sugestão de Taylor (1981) de que os estereótipos sexuais provavelmente se diferenciam em categorias de nível básico associadas a papéis sociais, e do fato de Deaux e Lewis (1984) terem identificado o comportamento de acordo com papéis sociais como um dos componentes dos estereótipos sexuais, procurou-se utilizar, como supostas categorias de nível básico, tipos masculinos e femininos que representassem papéis sociais bem variados. Assim, os estímulos se constituíram em duas supostas categorias estereotípicas sexuais de nível superordenado (homem e mulher), com cinco supostas categorias estereotípicas de nível básico relacionadas a cada uma, quais sejam: pai (mãe); executivo (a); atleta, artista e estudante.

Tais estímulos foram organizados em seis diferentes pares, com um contendo as duas categorias superordenadas, e os outros cinco contendo, cada um, duas categorias de nível básico, de modo a que cada categoria do par se relacionasse a uma categoria superordenada diferente e que as duas categorias do par não representassem dimensões sexuais opostas de um mesmo papel. Deste modo, os pares de estímulos foram organizados da seguinte forma: homem-mulher; um pai - uma estudante; um atleta - uma executiva; um estudante - uma artista; um executivo - uma mãe; um artista - uma atleta.

Cada par de estímulos foi apresentado a 32 sujeitos, sendo 16 do sexo feminino e 16 do sexo masculino, e a ordem das categorias em cada par foi contrabalançada, entre os sujeitos de ambos os sexos.

Procedimento

Os sujeitos foram testados individualmente, e receberam um bloco com quatro folhas, onde as duas primeiras continham as instruções sobre a tarefa a se realizar, e, em cada uma das duas folhas seguintes vinha escrito, no alto da folha, o nome de uma das categorias dos diversos pares formados, seguido de várias linhas em branco.

As instruções dadas foram no sentido de que deveriam pensar e escrever, nas linhas em branco, todos os aspectos que podiam ser usados para descrever as pessoas que eram do tipo cujo nome se encontrava escrito no alto da folha, tende-se dado o prazo máximo de dois minutos para o preenchimento de cada folha.

RESULTADOS

Para se verificar o grau de semelhança entre as categorias, foi feita, inicialmente, uma listagem de todos os atributos mencionados pelos sujeitos do sexo masculino e do sexo feminino, separadamente, em cada uma das categorias. Tais listagens sofreram, então, uma revisão, na qual foram eliminados os atributos que se constituíam em associações ou que eram verdadeiramente falsos para aquela categoria.

Em seguida, computou-se, para cada categoria, o número de sujeitos do sexo masculino e feminino que mencionaram cada atributo, ocasião em que os atributos que se constituíam em sinônimos foram sintetizados em um mesmo item, com a sua respectiva frequência.

Para se chegar a descrições das categorias que representassem um consenso entre os sujeitos, usou-se o critério de se considerar apenas os atributos

que tivessem sido mencionados por pelo menos vinte por cento da amostra, o que permitiu a eliminação das respostas idiossincráticas. Deste modo, a descrição final de cada categoria feminina, bem como de cada categoria masculina, foi composta apenas pelos atributos mencionados por pelo menos três sujeitos⁰¹.

As descrições consensuais das categorias permitiram, então, uma comparação do grau de semelhança que estas mantinham entre si.

Inicialmente, calculou-se a percentagem de atributos comuns e distintos às categorias femininas, considerando-se separadamente as amostras do sexo feminino e masculino.

No que se refere às categorias femininas, conforme pode-se observar na Tabela 1, onde a percentagem de atributos distintos a cada categoria aparece na diagonal, na amostra feminina, as categorias de "atleta" e "artista" foram as percebidas como as mais diferenciadas, e não apresentaram nenhum atributo comum às demais categorias, enquanto a categoria "mulher" foi a que apresentou a menor percentagem de atributos distintos. Na amostra masculina, as categorias de "atleta" e "estudante" foram as mais diferenciadas, não apresentando nenhum atributo em comum com as demais categorias, enquanto a categoria "artista" foi a que apresentou a menor percentagem de atributos distintos.

No que se refere às categorias masculinas, a Tabela 2 revela que, na amostra feminina, as categorias de "estudante" e "executivo" foram as percebidas como as mais diferenciadas, porém apenas a categoria "estudante" não apresentou nenhum atributo em comum com as demais categorias, enquanto a categoria "homem" foi a que apresentou a menor percentagem de atributos distintos. Na amostra masculina, as categorias de "atleta" e "estudante" foram as que apresentaram uma maior percentagem de atributos distintos, enquanto a categoria "homem" foi a que apresentou a menor percentagem de atributos distintos.

Com relação aos atributos comuns às diversas categorias, todas as categorias femininas e masculinas, tanto na amostra masculina como na feminina, apresentaram uma pequena percentagem de atributos em comum com as demais categorias (Tabelas 1 e 2).

Foram realizadas, em seguida, comparações entre todos os pares de categorias masculinas entre si, bem como entre todos os pares de categorias femininas entre si, usando-se separadamente os dados fornecidos pelos sujeitos do sexo feminino e do sexo masculino, a partir do cálculo do teste Z, com o objetivo de se verificar se a proporção de atributos distintos era significativamente maior que a proporção de atributos comuns a cada par de categorias, tendo-se observado que todas as comparações, sem exceção, produziram resultados significativos ($p < 0,05$), numa demonstração de que todas as categorias masculinas entre si, bem como todas as categorias femininas entre si, se constituíam em categorias distintas, na percepção da amostra utilizada neste estudo.

Para se verificar a riqueza de atributos das categorias, computou-se separadamente, para as amostras do sexo feminino e masculino, o número de atri-

(1) As tabelas referentes aos atributos mais freqüentemente associados às categorias femininas e masculinas encontram-se à disposição dos interessados, que deverão entrar em contato direto com a autora.

TABELA 1 - Percentagem de Atributos Distintos e Comuns às Categorias femininas.

Categorias	AMOSTRA FEMININA						AMOSTRA MASCULINA					
	Mulher	Mãe	Estudante	Artista	Atleta	Executiva	Mulher	Mãe	Estudante	Artista	Atleta	Executiva
Mulher	75	10	7	0	0	0	65	50	0	33	0	14
Mãe	12	80	7	0	0	10	18	50	0	0	0	0
Estudante	12	10	87	0	0	10	0	0	100	0	0	0
Artista	0	0	0	100	0	0	12	0	0	33	0	28
Atleta	0	0	0	0	100	0	0	0	0	0	100	0
Executiva	0	10	7	0	0	90	6	0	0	33	0	57
Total de Atributos	N=8	N=10	N=15	N=7	N=7	N=10	N=17	N=6	N=10	N=6	N=7	N=7

NOTA: As percentagens nas diagonais se referem aos atributos distintos a cada categoria e as demais percentagens se referem aos atributos comuns aos diversos pares de categorias. Como o número total de atributos de cada categoria é variável e um mesmo atributo pode ser comum a diversos pares de categorias, a percentagem de atributos comuns a um mesmo par irá variar em função da categoria de referência e a percentagem total a cada categoria poderá ser maior que 100. Assim, por exemplo, a categoria "mulher", na amostra feminina, do seu total de 8 atributos, apresenta 12% de atributos em comum com a categoria "mãe", enquanto a categoria "mãe", do seu total de 10 atributos, apresenta 10% de atributos em comum com a categoria "mulher".

TABELA 2 - Percentagem de Atributos Distintos e Comuns às Categorias Masculinas.

Categorias	AMOSTRA FEMININA						AMOSTRA MASCULINA					
	Homem	Pai	Estudante	Artista	Atleta	Executivo	Homem	Pai	Estudante	Artista	Atleta	Executivo
Homem	67	8	0	11	0	7	50	30	0	20	0	20
Pai	17	69	0	0	20	7	30	70	0	0	0	20
Estudante	0	0	100	0	0	0	0	0	83	0	16	0
Artista	17	0	0	77	10	7	20	0	0	80	0	0
Atleta	0	15	0	11	70	0	0	0	17	0	83	0
Executivo	17	8	0	11	0	86	10	0	0	0	0	80
Total de Atributos	N=6	N=13	N=6	N=9	N=10	N=14	N=10	N=10	N=6	N=10	N=6	N=5

NOTA: As percentagens nas diagonais se referem aos atributos distintos a cada categoria e as demais percentagens se referem aos atributos comuns aos diversos pares de categorias. Como o número total de atributos de cada categoria é variável e um mesmo atributo pode ser comum a diversos pares de categorias, a percentagem de atributos comuns a um mesmo par irá variar em função da categoria de referência e a percentagem total a cada categoria poderá ser maior que 100. Assim, por exemplo, a categoria "homem", na amostra feminina, do seu total de 6 atributos, apresenta 17% de atributos em comum com a categoria "pai", enquanto a categoria "pai", do seu total de 13 atributos, apresenta 8% de atributos em comum com a categoria "homem".

butos fornecidos pelos sujeitos, em cada uma das diversas categorias, o que permitiu o cálculo da análise da variância fatorial 2 (sexo do sujeito) x 6 (categorias de estímulo), tanto para as categorias femininas como para as categorias masculinas.

As médias dos números de atributos fornecidos para cada categoria feminina, pelos sujeitos do sexo feminino e masculino, são apresentadas na Tabela 3.

TABELA 3 — Número Médio de Atributos nas Categorias Femininas.

CATEGORIAS	SEXO	
	FEMININO	MASCULINO
Mulher	8,25	9,58
Mãe	7,25	5,19
Estudante	7,56	5,62
Artista	6,06	4,44
Atleta	5,25	5,94
Executiva	7,25	4,31

Os resultados da análise da variância para estas categorias femininas demonstraram um efeito significativo do sexo dos sujeitos ($F(1,180) = 6,63$; $p < 0,05$) e das categorias ($F(5, 180) = 6,20$; $p < 0,01$).

O efeito do sexo se deveu ao fato de o número de atributos fornecidos pelas mulheres ($\bar{X} = 6,94$) ter sido significativamente maior que o número de atributos fornecidos pelos homens ($\bar{X} = 5,83$), independentemente do tipo de categoria feminina.

Para se verificar a existência ou não de diferenças entre a categoria mulher e cada uma das outras categorias femininas, em termos de riqueza de atributos, foram realizadas comparações planejadas **a priori**, através do método de Dunnett (Glass & Hopkins, 1984), e todas as cinco comparações específicas produziram diferenças significativas ($p < 0,01$), porém num sentido contrário ao que seria de se esperar, isto é, o número de atributos fornecidos para a categoria "mulher" se mostrou significativamente maior que o número de atributos fornecidos para quaisquer das outras cinco categorias femininas.

As médias dos números de atributos fornecidos para cada categoria masculina, pelos sujeitos do sexo feminino e masculino, são apresentadas na Tabela 4.

Os resultados da análise da variância para estas categorias masculinas demonstraram um efeito significativo do sexo dos sujeitos ($F(1,180) = 21,86$; $p < 0,01$) e das categorias ($F(5, 180) = 3,86$; $p < 0,01$).

O efeito do sexo, de modo semelhante ao que ocorreu com as categorias femininas, se deveu ao fato do número de atributos fornecidos pelas mulheres ($\bar{X} = 6,86$) ter sido significativamente maior que o número de atributos fornecidos pelos homens ($\bar{X} = 5,05$), independentemente da categoria masculina.

As comparações planejadas **a priori**, através do método de Dunnett, entre a categoria "homem" e cada uma das demais categorias masculinas, revelaram um resultado bastante diferente do observado nas categorias femininas, já

TABELA 4 — Número Médio de Atributos nas Categorias Masculinas.

CATEGORIAS	SEXO	
	FEMININO	MASCULINO
Homem	7,56	6,50
Pai	7,75	4,48
Estudante	4,88	3,81
Artista	6,38	6,75
Atleta	7,12	4,19
Executivo	7,50	4,19

que, das cinco comparações específicas, apenas uma, relativa ao par "homem x estudante", produziu uma diferença significativa, e mesmo assim, de modo semelhante ao que ocorreu com as categorias femininas, tal diferença foi no sentido do número de atributos fornecidos para a categoria "homem" ter sido significativamente maior que o número de atributos fornecidos para a categoria "estudante", o que se mostrou contrário ao que seria de se esperar. Na comparação entre a categoria "homem" e cada uma das outras quatro categorias masculinas não se observaram diferenças significativas em nenhum dos pares, no que diz respeito ao número de atributos produzidos para estas categorias.

DISCUSSÃO

A análise dos resultados do presente estudo demonstrou que todas as categorias masculinas entre si, bem como todas as categorias femininas entre si, apresentaram um pequeno grau de semelhança, numa indicação de que tais categorias foram percebidas como distintas, tanto pela amostra feminina como pela amostra masculina aqui utilizada.

De acordo com referencial teórico de Rosch et al. (1976), segundo o qual as categorias de nível básico apresentam maior número de atributos distintos que de atributos comuns entre si, as evidências obtidas permitem, portanto, a conclusão de que todas as categorias masculinas e femininas empregadas neste estudo demonstraram possuir características de categorias de nível básico.

Tais resultados se mostram coerentes com os resultados anteriormente obtidos por Clifton et al. (1976), que identificaram três categorias femininas bem diferenciadas, e por Ashmore (1981), que identificou várias categorias masculinas e femininas perceptualmente distintas.

Estes mesmos resultados divergem, entretanto, dos resultados obtidos por Deaux et al. (1985), que utilizaram categorias semelhantes às do presente estudo e observaram maior diferenciação apenas entre as categorias femininas, enquanto as categorias masculinas apresentaram-se bastante semelhantes entre si.

Esta divergência pode ser atribuída a diferenças quanto à metodologia empregada nos dois estudos, já que Deaux et al. (1985), ao analisarem o conteúdo das categorias masculinas e femininas, forneceram aos sujeitos um conjunto específico de atributos para que estes avaliassem as diversas categorias,

comparando, em seguida, as avaliações realizadas. No estudo atual, entretanto, a análise do conteúdo das categorias masculinas e femininas se realizou através da inspeção dos atributos reais fornecidos pelos sujeitos em suas descrições das categorias, o que permite a conclusão de que, quando se dá aos sujeitos a oportunidade de descreverem categorias masculinas e femininas de acordo com a percepção real que estes mantêm a respeito destas categorias, verifica-se que estas são percebidas, não como um conceito único geral, mas sim como subtipos masculinos e femininos independentes entre si, por possuírem uma organização interna própria a cada um.

Seria interessante, portanto, a realização de estudos futuros, onde os atributos reais fornecidos pelos sujeitos fossem utilizados como critério para a composição de uma lista única de atributos que seria, então, fornecida aos sujeitos, para que estes avaliassem diferentes tipos de categorias sexuais, o que possibilitaria melhor comparação das semelhanças e diferenças entre as percepções reais de conteúdo que os sujeitos mantêm sobre estas categorias.

Com relação à riqueza de atributos das categorias, os resultados obtidos não se mostraram congruentes com o modelo hierárquico de categorização (Rosch et al., 1976), já que a categoria "homem" apresentou riqueza de atributos semelhante às demais categorias masculinas, enquanto a categoria "mulher" apresentou maior riqueza de atributos que as demais categorias femininas. Portanto, usando-se como critério a riqueza de atributos, as evidências aqui obtidas conduzem à conclusão de que as categorias de "homem" e "mulher" não se acham num nível superordenado mais abstrato de categorização, quando comparadas a subtipos masculinos e femininos mais específicos a elas associadas, mas, ao contrário, todas as categorias masculinas e femininas aqui utilizadas pertencem a um mesmo nível de abstração, conforme Deaux et al. (1985) já haviam demonstrado.

Lingle, Altom e Medin (1984) sugeriram que os modelos de categorização dos objetos naturais não devem ser diretamente estendidos às categorias sociais, já que estas categorias, quando comparadas às categorias de objetos naturais, se apresentam altamente variáveis em sua estrutura, são freqüentemente de natureza justaposta e não hierárquica, e freqüentemente se organizam em torno de atributos abstratos, mais do que em atributos perceptuais.

As categorias sociais utilizadas no presente estudo, porém, apesar de não terem se apresentado hierarquicamente organizadas, não demonstraram características de justaposição, mas ao contrário, o que se verificou é que estas categorias demonstraram ser bastante diferenciadas quanto a sua organização interna, possuindo, assim, uma estrutura que caracteriza as categorias de nível básico.

A constatação de que diversos tipos sexuais masculinos e femininos apresentam características de categorias de nível básico reveste-se de importância pelo fato de estas categorias, de acordo com Hamilton (1981), serem as mais funcionais para a categorização social, por permitirem a associação de um grande número de pessoas ou grupos a cada categoria e, ao mesmo tempo, permitirem diferenciações significativas entre seus membros componentes.

Além disso, ainda segundo Hamilton (1981), o reconhecimento de que o processo estereotípico ocorre principalmente a partir de categorias de nível básico representa um avanço no estudo dos estereótipos, já que, sendo assim, a categorização dos membros de grupos sociais ocorreria a partir destas categorias mais diferenciadas e não a partir de conceitos mais amplos e gerais e, por-

tanto, os estudos que utilizassem apenas estas categorias gerais poderiam levar a conclusões inadequadas.

Neste sentido, a realização de pesquisas futuras, que utilizem diferentes tipos de metodologias capazes de reunirem evidências adicionais sobre as características de categorias sexuais variadas, poderá trazer importantes contribuições no que diz respeito à compreensão da natureza do estereótipo e de suas conseqüências no processamento de informação sobre os membros destas categorias estereotípicas.

REFERÊNCIAS

- Ashmore, R.D. (1981). Sex stereotypes and implicit personality theory. Em D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Brewer, M., Dull, V. & Lui, L. (1981). Perceptions of the elderly: Stereotypes as prototypes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 47, 656-670.
- Cantor, N. & Mischel, W. (1979). Prototypes in person perception. *Advances in Experimental Social Psychology*, 12, 3-52.
- Clifton, A.K., McGrath, D. & Wick, B. (1976). Stereotypes of woman: A single category? *Sex Roles*, 2, 135-148.
- Deaux, K. & Lewis, L.L. (1984). The structure of gender stereotypes: Interrelationships among components and gender label. *Journal of Personality and Social Psychology*, 46, 991-1004.
- Deaux, K., Winton, E., Crowley, M. & Lewis, L.L. (1985). Level of categorization and content of gender stereotypes. *Social Cognition*, 5, 145-167.
- Glass, G.V. & Hopkins, K.D. (1984). *Statistical methods in education and psychology*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Hamilton, D.L. (1979). A cognitive - attributional analysis of stereotyping. *Advances in Experimental Social Psychology*, 12, 53-84.
- Hamilton, D.L. (1981). Stereotyping and intergroup behavior: Some thoughts on the cognitive approach. Em D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Hamilton, D.L., Dugan, P.M. & Trier, T.K. (1985). The formation of stereotypic beliefs: Further evidence for distinctiveness-based illusory correlations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 48, 5-17.
- Lingle, J.H., Altom, M.W. & Medin, D.L. (1984). Of cabbages and kings: Assessing the extendibility of natural object concept models to social things. Em R.S. Wyer & T.K. Srull (Eds.), *Handbook of Social Cognition*, vol. 1. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. Em E. Rosch & B.B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- Rosch, E., Mervis, C.B., Gray, W.D., Johnson, D.M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, 8, 382-439.
- Rosenkrantz, P., Vogel, S., Bee, H., Broverman, I., & Broverman, D.M. (1968). Sex-role stereotypes and self-concepts in college students. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 32, 287-295.
- Taylor, S.E. (1981). A categorization approach to stereotyping. Em D.L. Hamilton (Ed.), *Cognitive processes in stereotyping and intergroup behavior*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.

Texto recebido em 04/10/88.